DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

Ladrilhos cerâmicos da Villeroy & Boch: estudo sobre a técnica, modelo e história a partir do caso do hall de entrada do Museu do Doce (Pelotas-RS)

Villeroy & Boch encaustic floor tiles: A study of a technique, model, and history based on the case of the entrance hall of the Museu do Doce (Pelotas-Brazil)

Roberto Heiden *

Resumo: O presente texto descreve os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo a identificação do modelo e do histórico dos ladrilhos que adornam o hall de entrada do Casarão nº 8, atual sede do Museu do Doce em Pelotas, Rio Grande do Sul. Esses ladrilhos, notáveis pela sua complexidade ornamental, eram até então erroneamente categorizados como hidráulicos e suas origens eram desconhecidas. Através deste estudo, foi possível identificar os modelos específicos, a fábrica responsável por sua produção e também identificar conjuntos idênticos em outros edifícios históricos. Essas descobertas proporcionaram uma compreensão sobre as características técnicas e tecnológicas desses artefatos, que no século XIX eram considerados produtos de luxo e amplamente consumidos internacionalmente. Além disso, revelou-se que esse tema apresenta potencial para a realização de futuros estudos que podem contribuir para um entendimento mais preciso da decoração arquitetônica dos séculos XIX e XX, tanto no Brasil quanto no exterior

Palavras-chave: museus; Ladrilhos Cerâmicos; Villeroy & Boch; Mettlach Platten; ladrilhos hidráulicos.

Abstract: This text presents the findings of a research project aimed at identifying the models and history of the tiles adorning the entrance hall of Casarão nº 8, the current headquarters of the Museu do Doce in Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil. Initially misclassified as cement tiles, these dust-pressed encaustic floor tiles possess intricate ornamental designs and their origins remained unknown. Through this study, we successfully identified the specific tile models and the factory responsible for their production, as well as discovered identical sets in other historic buildings. These findings have provided valuable insights into the technical and technological characteristics of these artifacts, which were highly regarded as luxury products in the 19th century and enjoyed widespread international consumption. Moreover, this research has revealed the potential for future investigations in this field, offering the opportunity for a more precise comprehension of architectural decoration during the 19th and 20th centuries, both in Brazil and abroad.

Key-words: museums; encaustic floor tiles; Villeroy & Boch; Mettlach Platten; Cement tiles.

Introdução

As peças com qualidades artísticas oriundas de processos manufaturados possuem um lugar e forma de valorização muitas vezes ambíguo entre a noção de arte e de objeto com funções utilitárias. Ainda que essas fronteiras conceituais estejam hoje embaçadas, o fato é que os desdobramentos desses enquadramentos repercutem diretamente no tratamento e nos percursos institucionais que essas peças terão quando transformadas em objeto museológico/patrimônio cultural, com consequências diretas sobre o tipo e a quantidade de conhecimento que se produzirá

* Graduado em Licenciatura em Artes - Habilitação em Artes Visuais, mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural e doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural, todos pela UFPel. Professor adjunto do Instituto de Ciências Humanas (ICH) na UFPel, lotado no Departamento de Museologia e Conservação e Restauro (DMCOR). roberto.heiden@yahoo.com.br

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

a respeito desses itens. O conjunto de ladrilhos (Figura 1) que conformam o “tapete” que decora o hall de entrada da sede do Museu do Doce de Pelotas (Pelotas-RS) - no passado originalmente uma edificação construída para ser a luxuosa residência de uma rica família da região - é muito apreciado pelo público visitante que o admira em razão de sua complexidade ornamental, no que pese não se tratarem exatamente de objetos museológicos em exposição, mas sim, elementos decorativos integrados na arquitetura.

Figura 1 - Ladrilhos cerâmicos do Hall de entrada do Museu do Doce em 2023 – Pelotas. Foto do autor.

Esses ladrilhos manufaturados, admirados por sua imponência, e até então pouco estudados em razão de sua origem industrial, são um dos vários elementos destacados que conformam a ambiência do prédio e justificam o seu reconhecimento como um destacado exemplar do ecletismo arquitetônico do século XIX, oficializado como patrimônio cultural brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) já desde 1979. No entanto, ao contrário de outros elementos da casa, tais como alguns azulejos franceses e faianças portuguesas, igualmente notórios e com história e origem já em parte conhecidas, até pouco tempo tínhamos raras informações a respeito da técnica e da história desse conjunto de ladrilhos.

No ano de 2019 realizamos a partir do perfil do Museu do Doce na rede social Instagram uma série de publicações temáticas com aspectos históricos e técnicos das diferentes formas de arte integrada na arquitetura da sede do museu, tais como os azulejos, escaiolas, estuques, faianças, e os ladrilhos, esses últimos até então

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

reconhecidos como “hidráulicos”[1]. Essas postagens geraram importante repercussão local, no qual destacamos a passagem de um visitante pelo museu que, segundo seu relato, motivado por essas publicações, lá esteve e pode então reconhecer *in loco* que o conjunto de ladrilhos do hall de entrada do Museu do Doce, a parte central da composição, era idêntico ao que ele havia visto no conjunto do hall de entrada do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro (Figura 2)[2]. Essa constatação gerou uma publicação no perfil do Museu do Doce ressaltando a semelhança do conjunto central de ladrilhos com as fotografias dos dois locais[3]. Após alguns anos, em janeiro de 2023, o autor desse texto casualmente se deparou com outro conjunto de ladrilhos idêntico aos do Museu do Doce, dessa vez, localizado no centro do espaço expositivo da Casa França-Brasil do Rio de Janeiro (Figura 3). A partir de então novas relações e algumas estratégias de pesquisa sobre esses ladrilhos e suas possíveis origens históricas puderam ser estabelecidas.

Figuras 2 e 3 - Respectivamente da esquerda para a direita, Ladrilhos Cerâmicos no hall de Entrada do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro (2021) e Ladrilhos Cerâmicos localizados no centro da Casa França-Brasil do Rio de Janeiro (2023). Fotos do autor.

Embora não tenha sido possível obter informações com a Casa França-Brasil e o Real Gabinete Português de Leitura sobre os ladrilhos estudados, em buscas na

[1] MUSEU DO DOCE. 03 de junho de 2019. Disponível em: https://www.instagram.com/p/ByRWzoMgT0x/?igshid=OTJlNzQ0NWM%3D. Acesso em: 23 fev. 2023.
[2] O relato sobre os resultados dessa ação pode ser lido em: OLIVEIRA, Isadora Costa; HEIDEN, Roberto. Memória, Patrimônio, Redes Sociais e Comunicação no Museu do Doce. In: VI Congresso de Extensão e Cultura da UFPel, 2019, Pelotas. Anais do VI Congresso de Extensão e Cultura da UFPel. Pelotas: Editora da UFPel, 2019. p. 33-36.
[3] MUSEU DO DOCE. 15 de abril de 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_BiYklgk-i/?igshid=OTJlNzQ0NWM%3D. Acesso em: 23 fev. 2023.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

internet chegou-se à informação, a partir do portal “Patrimônio Belga no Brasil”, de que o conjunto dos ladrilhos da Casa França-Brasil seriam de origem Belga[4]. Nessa página, mantida por Marc Storms, chegamos a uma nova constatação: havia ainda mais um conjunto idêntico de ladrilhos preservado que se encontra no hall de entrada do Palacete 10 de Julho, na cidade de Pindamonhanga (São Paulo). Ou seja, existiam pelo menos mais três conjuntos preservados e com a mesma roseta central visível na composição dos ladrilhos do Museu do Doce[5].

A Bélgica foi no século XIX e XX um dos países com maior destaque na produção e exportação de ladrilhos e de outras diferentes formas de itens ornamentais para a construção civil. A conversa com o senhor Marc Storms tornou possível o contato com o especialista em ladrilhos históricos, o professor e pesquisador belga Mario Baeck (2023), que finalmente nos trouxe informações precisas sobre a origem dos ladrilhos do Museu do Doce. Eles teriam sido produzidos na Alemanha, embora possivelmente comercializados na época por uma representação no Brasil da empresa belga Boch & Frères. A empresa alemã ainda existe, opera ininterruptamente a mais de dois séculos, trata-se da Villeroy & Boch. A partir das informações fornecidas por Baeck (2023) foi finalmente possível avançar no estudo sobre o conjunto de ladrilhos do Museu do Doce.

1. A definição dos modelos, a compreensão da técnica e a história da Villeroy & Boch

Mario Baeck (2023) explicou que os ladrilhos preservados no hall de entrada do Museu do Doce não são ladrilhos hidráulicos, mas sim ladrilhos cerâmicos[6]. Em consulta a seu acervo pessoal de catálogos de ladrilhos de fábricas europeias, Baeck (2023) identificou na composição do “tapete” de ladrilhos do museu três modelos que eram produzidos no século XIX pela fábrica alemã Villeroy & Boch com sua respectiva numeração de série. O conjunto central do tapete é o modelo nº 161 (Figura 4, a parte mais exuberante e complexa da composição, trata-se de uma grande roseta em tons

[4] PATRIMÔNIO BELGA NO BRASIL. Ladrilhos belgas no Palacete 10 de Julho em Pindamonhangaba. Texto e fotos: Marc Storms. Disponível em: http://www.belgianclub.com.br/pt-br/heritage/ladrilhos-belgas-no-palacete-10-de-julho-em-pindamonhangaba. Acesso em 26 de janeiro de 2023.

[5] Essa informação foi posteriormente ajustada em razão das informações fornecidas por Mario Baeck a respeito da procedência alemã das peças, então produzidas pela fábrica Villeroy & Boch e comercializadas por representação de empresa belga.

[6] Em inglês podemos usar o termo *encaustic floor tiles,* mas também pode ser encontrado outras terminologias, *como ceramic tiles* e *dust-pressed tiles*

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

terrosos e cinzas e cujo desenho se distribui em um total de 64 ladrilhos)[7]. O conjunto mais abundante de ladrilhos individuais colocados lado a lado são exemplares do modelo de número 246 (Figura 5, com suas pequenas rosetas em azul e vermelho dispostas sobre um amarelo suave e centralizadas em uma composição emoldurada por frisos e mini rosetas azuis e vermelhas)[8]. Finalmente, o friso externo é o modelo nº 196 (Figura 6, com ladrilhos individuais com composição que remete a forma de folhas azuis e vermelhas interconectadas sob um fundo escuro). Essa numeração é importante, segundo o pesquisador, pois com ela é possível afirmar o período de produção das peças[9].

Figuras 4, 5, e 6 - Da esquerda para a direita, respectivamente, modelos nº 161, 246 e 196 (2023). Fotos: do autor.

Em contato estabelecido com a fábrica Villeroy & Boch, foi possível reafirmar o reconhecimento dos ladrilhos como tendo origem de produção nessa fábrica, bem como seus respectivos números de modelo. Christa Grund, do Departamento de História da Villeroy & Boch, informou que o modelo nº 196, nomeado como "Friso Românico" (Figura 6) teve sua produção iniciada antes do ano de 1872. O modelo nº 161, nomeado como "Roseta Renascentista" (Figura 4) igualmente começou a ser

[7] Após buscas exaustivas foi possível encontrar a roseta da composição central reproduzida no website Die Geschichte der Fliese mantido por Wilhelm Joliet, porém, adornada por ladrilhos com padrões decorativos distintos aos encontrados no conjunto preservado no Museu do Doce. Disponível em: https://www.geschichte-der-fliese.de/vbm1880.html Acesso em: 08 fev. 2023.

[8] Foi possível também identificar o modelo nº 246 na página nº 134 de um catálogo da Villeroy & Boch de 1886 integralmente digitalizado pela Biblioteca Estadual de Württemberg em Stuttgart. Villeroy & Boch Keramische Werke. Muster-Blätter der Mosaik-Fabrik von Villeroy & Boch. Mettlach, 1886. Disponível em: <https://digital.wlb-stuttgart.de/sammlungen/sammlungsliste/werksansicht?id=6&tx_dlf%5Border%5D=title&tx_dlf%5Bdouble%5D=1&tx_dlf%5Bid%5D=5619&tx_dlf%5Bpage%5D=134>. Acesso em: 12 fev. 2023.

[9] BAECK, Mario. Re.: “Ladrilhos hidráulicos" d'origine belge dans le sud du Brésil. Mensagem recebida por: Roberto Heiden em 31 de jan. de 2023.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

produzido antes de 1872. Já o modelo nº 246, objetivamente nomeado como "padrão de fundos" (Figura 5) tem na data de 1872 o ano do início de sua produção[10].

Um primeiro aspecto a ser destacado com os resultados dessa busca é a definição de que os ladrilhos do Museu do Doce são cerâmicos, e não hidráulicos. Pelotas, assim como outras cidades do Brasil, possui um significativo acervo urbano de ladrilhos hidráulicos. A cidade tem também sua história associada ao desenvolvimento dessa técnica, em razão de ter sido uma das pioneiras no surgimento de fábricas de ladrilhos hidráulicos no Brasil, algumas delas ainda em funcionamento, como aponta o estudo de Dominguez (2016). Isso pode levar o público em geral a crer que todos os pisos antigos da cidade sejam hidráulicos, o que se trata de uma pequena confusão, apesar de inegavelmente os conjuntos preservados serem predominantemente confeccionados a partir dessa técnica. No entanto, confundir ladrilhos cerâmicos com hidráulicos pode levar a uma incompreensão sobre algumas especificidades históricas e técnicas dessas peças, bem como dificultar a ação de futuros trabalhos de conservação e restauração com as mesmas.

Baeck (2018, p. 55) explica que os ladrilhos hidráulicos e cerâmicos possuem semelhanças na maneira como são produzidos, principalmente em suas etapas iniciais, e isso gera dificuldades para que se perceba a diferença entre ambos. A diferença significativa entre as duas técnicas se manifesta sobretudo na queima dos ladrilhos cerâmicos, que deve ocorrer com cerca de 1200° C, ao passo que os ladrilhos hidráulicos não precisam ir ao forno. O autor ainda destaca que os ladrilhos cerâmicos possuem maior resistência a agentes externos devido a sua grande impermeabilidade, tais como ácidos e temperaturas extremas. Por essa razão, eles costumavam ser utilizados em espaços nobres e destacados, tais como halls de entrada (a exemplo dos ladrilhos do Museu do Doce), salas de jantar, jardins de inverno, dentre outros, enquanto os ladrilhos hidráulicos, menos resistentes ao desgaste, poderiam ser usados em espaços menos nobres.

Gester (2013, p.49-50) relata que os ladrilhos cerâmicos podem ser confundidos como sendo ladrilhos hidráulicos, no entanto, a autora reforça que um olhar atento irá destacar as diferenças entre as técnicas, onde, respectivamente, a primeira é composta por argilas e queimada a alta temperatura, enquanto que a segunda é feita sem o processo de queima e com o uso de cimento. Em seu estudo realizado sobre o tema dos ladrilhos hidráulicos, Gester (2013, p.50) relata ter encontrado situações de restauração de edifícios históricos, a exemplo do Palacete

[10] GRUND, Christa. Ceramic Tiles. Mensagem recebida por: Roberto Heiden em 06 de abril de 2023.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

Pinho de 1897 de Belém do Pará que, durante sua restauração, em razão de lacunas no conjunto, viu seus ladrilhos cerâmicos inadvertidamente serem substituídos por réplicas em ladrilhos hidráulicos[11].

A grande diversidade de termos utilizados para se nomear ladrilhos antigos nos vários idiomas e respectivos países em que se encontram estudos sobre o tema, ou seja, a falta de uma padronização terminológica, é uma dificuldade para a busca de informações sobre o histórico e a origem dessas peças. A expressão "ladrilhos cerâmicos" que foi adotada para a escrita do presente texto, embora um pouco simplista quanto as peculiaridades da técnica original dos ladrilhos do Museu do Doce (em comparação sobretudo com técnicas mais contemporâneas que também estão baseadas em materiais cerâmicos), pode ser encontrada em pelo menos dois trabalhos sobre o tema dos ladrilhos hidráulicos que por comparação mencionam a existência da técnica dos ladrilhos cerâmicos, a saber em Lamas *et al.* (2018) e Gester (2013).

A variação de nomenclaturas encontrada ao longo da realização desse estudo abrange não somente o formato e a técnica de fabrico dos ladrilhos como também as suas possíveis funções e usos, bem como de peças correlatas. Nesse sentido, destaca-se a abordagem que Mario Baeck (2021) desenvolve sobre os catálogos comerciais produzidos por suas respectivas empresas nos séculos XIX e XX e que podem hoje ser considerados documentos importantes para a definição de informações precisas sobre o histórico dos ladrilhos, ou mesmo para a sua identificação. Isso decorre do próprio sucesso comercial que esse tipo de produto teve, principalmente entre os anos de 1840-1940 (BAECK, 2021). Os catálogos eram também, segundo o autor, resultado do crescente processo de padronização técnica e formal dessas peças em razão da crescente expansão industrial de países como a Bélgica, a França e a Inglaterra. Nesses catálogos também é possível obter informações sobre seus antigos pontos de venda e redes de distribuição, preços, formas de embalagem e transporte, premiações obtidas, dentre outras[12].

[11] A autora ainda orienta para a realização de um exame de identificação da técnica. Ela explica que "A identificação dos ladrilhos do Palacete Pinho poderia ter sido feita ainda *in loco*, utilizando ácido clorídrico (HCl), já que o ladrilho hidráulico é um material carbonático, o qual sofreria efervescência na presença do ácido, enquanto que o ladrilho cerâmico não sofreria alteração alguma" (GESTER, 2013, p.50).

[12] Dentre as poucas instituições que disponibilizam publicamente catálogos da Villeroy & Boch destaca-se o Museu de História e Navegação de Riga (Letônia) que possui em seu acervo uma coleção com 97 pranchas ilustrativas de modelos de ladrilhos cerâmicos da Villeroy & Boch em seu acervo e mantém, desde 2020 e por tempo indeterminado, uma exposição virtual com esse conjunto de documentos e demais informações históricas acompanhadas para acesso do público em geral. A exposição e todo o material que a acompanha pode ser acessada em link livremente disponível online. "Villeroy & Boch" Mettlach Tile Sample Sheets in the Museu Collection. Disponível em:

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

A história da técnica de produção dos ladrilhos cerâmicos com as mesmas características daqueles do hall de entrada da sede do Museu do Doce tem aspectos que já foram em parte abordados por pesquisadores no Brasil. Lamas *et al.* (2018, p.04-06) explicam que modelos e técnicas medievais estiveram na base dos experimentos das novas técnicas que foram sendo estabelecidas diante de um mercado em expansão durante os séculos XVIII e XIX. Esse mercado demandava ladrilhos para muitos espaços públicos, para a restauração de espaços religiosos, e para grandes parcelas de consumidores. Empresários como Herbert Minton, George e Arthur Maw, Henry e Jesse Carter estabeleceram vários parâmetros para que esses ladrilhos cerâmicos feitos com prensagem a seco fossem progressivamente produzidos com maior qualidade técnica, em escala industrial e com valor mais acessível.

A manufatura de ladrilhos cerâmicos executados com prensagem a seco é uma técnica que se consolidou e floresceu ao longo do século XIX, tendo ganhado importante protagonismo na indústria europeia de pisos. O surgimento da técnica de produção dos ladrilhos hidráulicos, uma outra técnica mais econômica e tecnicamente menos complexa, porém, com algumas etapas semelhantes à da produção dos ladrilhos cerâmicos, foi provavelmente uma das razões para o encolhimento do mercado para a produção dos ladrilhos cerâmicos (BAECK, 2019b; GESTER, 2013; LAMAS *et al*., 2018).

A compreensão da técnica e a história dos ladrilhos cerâmicos é já tema do trabalho de pesquisadores internacionais. Baeck (2019b) explica que o inglês Richard Prosser normalmente é considerado o inventor da técnica da prensagem a seco de ladrilhos cerâmicos, popularizada no século XIX, surgida na Inglaterra e disseminada posteriormente por países como a Alemanha, Bélgica, França e outros (a técnica de prensagem a seco foi utilizada para a produção dos ladrilhos cerâmicos do hall de entrada do Museu do Doce). No entanto, Baeck (2019b) explica que a história da invenção e produção dos ladrilhos cerâmicos feitos com a prensagem a seco foi dinâmica e contou com um número importante de saberes prévios acumulados por outros atores do meio, bem como foi sendo aperfeiçoada durante o próprio processo de sua popularização. Se a definição precisa de cada um dos passos para o surgimento e o aperfeiçoamento da técnica da produção de ladrilhos cerâmicos com prensagem a seco é algo que tem ainda potencial para novos estudos, a empresa

<https://www.rigamuz.lv/rvkm/en/izstade_virtuala_eng/virtual-exhibition-villeroy-boch-mettlach-tile-sample-sheets-in-the-museum-collection/>. Acesso em: 03 fev. 2023.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

Villeroy & Boch sem dúvidas participou ativamente desse processo com contribuições decisivas que deram origem aos seus ladrilhos cerâmicos decorados (BAECK, 2019a).

O método da prensagem a seco para produção de ladrilhos cerâmicos passou a ser vantajoso sobretudo por reduzir o tempo de produção em relação as técnicas de produção anteriores e por também apresentar uma secagem mais rápida. O tempo de duração da secagem de técnicas mais antigas não somente aumentava o custo final do produto como dava margem a maior número de perdas e imprevistos. Não somente Richard Prosser, bem como os demais fabricantes que na sequência exploraram a produção de ladrilhos cerâmicos com prensagem a seco, foram imprimindo ao longo dos anos suas próprias variações no processo, o que poderia envolver desde mudanças na composição de ingredientes, bem como sutis modificações em processo de modelagem, queima e no acabamento dos ladrilhos (LAMAS *et al*., 2018; BAECK, 2019b).

Durbin (2005, p.40-41) explica que na técnica da prensagem a seco a argila era secada e posteriormente moída até se transformar em um pó fino que pudesse reter um teor de umidade entre 5% e 8%. Esse pó umedecido era posteriormente depositado em compartimentos de formas metálicas com um desenho estabelecido pelo molde/gabarito dos seus próprios limites, ou seja, para cada compartimento desse molde colocava-se um pó umedecido com sua respectiva cor, em método semelhante ao da produção de ladrilhos hidráulicos (que por sua vez utilizava material mais líquido). Na sequência, a massa recebia outra camada de material argiloso em cor neutra e cobrindo toda a superfície do desenho pelo avesso. Na sequência, a peça recebia uma pressão mecânica muito intensa, podendo receber ainda acabamentos com técnicas de impressão. A autora também aponta as vantagens técnicas da prensagem a seco, sobretudo quanto a maior agilidade da produção e menor número de perda de peças ao longo do processo. Ela ainda ressalta que a qualidade dos ladrilhos era impactada por algumas variáveis, tais como a qualidade da argila, sendo comum que diferentes argilas fossem misturadas objetivando-se atingir melhores resultados com o produto final, bem como poderia ser realizada a importação de argila ou dos demais materiais necessários[13].

[13] Alguns websites apresentam imagens e descrições técnicas breves desses processos, tais como as que sequem. LE CERCLE GUIMARD. Deux petites découvertes sur des pavages de Guimard — Seconde partie: les carreaux de sol en grès incrustés utilisés par Guimard. 19 de setembro de 2019. Disponível em: https://www.lecercleguimard.fr/fr/deux-petites-decouvertes-sur-des-pavages-de-guimard-seconde-partie-les-carreaux-de-sol-des-espaces-de-service-de-lhotel-mezzara-et-du-17-rue-la-fontaine/. Acesso em 04 de fevereiro de 2023. BLANCHETT, Chris. A Short History of the Encaustic Tile. The Antique Floor Company. s/d. Disponível em: <https://www.theantiquefloorcompany.com/short-history-encaustic-tile>. Acesso em: 07 fev. 2023.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

Um dos catálogos de venda com listagem de preços da própria Villeroy & Boch (datado de 1886), de acordo com o levantamento realizado por Wilhelm Joliet (s/d), informava com alguns detalhes as etapas do processo de produção desses ladrilhos cerâmicos. O catálogo ressaltava que todas as peças eram feitas a mão, recebiam adição de feldspato e eram queimadas em calor incandescente para que formassem uma massa vitrificada. O catálogo ressaltava que as peças após queimadas eram tão duras que se riscadas poderiam emitir faíscas, bem como resistir a intensas variações climáticas. As cores da superfície decorada apresentavam camadas com cerca de 2 a 3 milímetros de espessura, ou seja, mesmo com algum leve desgaste da superfície, o desenho se manteria, apesar da perda de massa.

Sibille (2021) explica que o destaque obtido pelos ladrilhos cerâmicos da Villeroy & Boch em fins do século XIX é o resultado do encontro do historicismo com a produção industrial, ou seja, o desenvolvimento técnico e tecnológico que pudemos descrever acima. A história da empresa é interessante e conta com mais de dois séculos de duração e com várias passagens importantes. Uma delas ocorreu na década de 1850 com a descoberta de um grande mosaico romano no vilarejo de Nenning (Alemanha), mosaico esse que continha diversos ornamentos e medalhões ao longo dos seus cerca de 160 m² de área remanescentes. Esse mosaico impressionou o arqueólogo amador Engen von Boch, então proprietário da fábrica Villeroy & Boch, surgida poucos anos antes a partir da fusão, no ano de 1836, da fábrica Villeroy com a fábrica Boch. A autora ainda explica que o interesse pessoal nutrido por Engen von Boch pela arqueologia e a descoberta em Nenning fomentaram a criação de uma linha de ladrilhos que imitavam os efeitos dos antigos mosaicos. Esse estilo e temática mais tarde se revelaram um grande sucesso comercial.

A fusão da fábrica Villeroy com a fábrica Boch foi estratégica para que essas empresas juntas fizessem frente a forte concorrência britânica, responsável até então pela maior parte da exportação de produtos cerâmicos da época. Foi no ano de 1846 que foi iniciada a produção dos pisos estampados em prensagem a seco da Villeroy & Boch, consolidando-se na década de 1850. Esse tipo de produto ficou em pouco tempo internacionalmente conhecido como "Mettlacher Platten" (ou seja, a tipologia dos ladrilhos cerâmicos do Museu do Doce, por exemplo). Nas décadas seguintes a empresa alcançou enormes fatias do mercado de ladrilhos cerâmicos: em 1870 os ladrilhos respondiam por cerca de 60% do seu faturamento, milhares de trabalhadores eram empregados pela Villeroy & Boch, alguns deles inclusive viajavam para diversos lugares, pois eram especialistas na instalação correta das peças. O setor da Villeroy &

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

Boch responsável pela produção de ladrilhos cerâmicos estava inicialmente localizado na cidade de Mettlach na Alemanha (a empresa posteriormente estabeleceu filiais em outras cidades e países e concomitante a isso continuou a ampliar seu rol de seus produtos). A marca teve um impacto tão forte no mercado internacional que o nome dessa cidade passou a ser associado a essa tipologia de ladrilhos cerâmicos, inclusive daqueles ladrilhos produzidos por outras marcas, tornando-se quase um sinônimo dessa própria categoria de produto (JACOB-HANSON, 2000; SIBILLE, 2021).

A Villeroy & Boch é hoje uma empresa multinacional que continua no presente a produzir modernas peças cerâmicas para cozinha, banheiros, dentre outros itens, com forte penetração comercial em alguns dos principais mercados mundiais. Ao acessar-se o atual website da empresa é possível ver o ano 1748 inscrito junto da logomarca da Villeroy & Boch. Esse é considerado o ano fundacional do conglomerado, pois foi quando François Boch, junto de seus três filhos, iniciou a produção de louças de cerâmica. Ou seja, a empresa encontra-se em funcionamento a 275 anos, tendo passado por várias gerações familiares e reestruturações. As inovações técnicas, estilísticas e tecnológicas foram exploradas em inúmeras linhas de produtos desenvolvidos pela Villeroy & Boch ao longo desses quase três séculos de história. Um exemplo foi a adoção de técnicas de impressão mecânica sobre louças no ano de 1815, o que baixou o preço final das peças. Por volta de 1822 a empresa também conseguiu produzir porcelana a preços mais acessíveis colaborando diretamente para a popularização desse tipo de produto, antes restrito a elite. A participação na feira mundial de Londres foi outro marco, que levou a Villeroy & Boch nos anos posteriores a outras participações marcantes em feiras mundiais (inclusive no Brasil, como será mencionado abaixo). A produção de louças para banheiro e faianças decorativas para a arquitetura estiveram entre algumas das tipologias de destaque no rol de produtos da empresa, ainda no século XIX. Os ladrilhos cerâmicos da Villeroy & Boch também foram destinados a projetos nobres, como o revestimento do piso da Catedral de Colônia durante sua restauração, no Teatro de Bolshoi na Rússia, em alguns dos ambientes do Titanic, dentre muitas outros. Ao longo de todo o século XX e décadas recentes, a Villeroy & Boch continuou a se reinventar. A empresa atualmente foca na produção de pisos e louças utilitárias para cozinhas e banheiros, com forte expansão em novos mercados, como destaque para o dos países asiáticos (VILLEROY & BOCH, s/d)[14].

[14] Esse conjunto de informações históricas encontra-se disponível no website oficial da própria empresa. VILLEROY & BOCH – 1748. The Company's History: Learn more about the beginnings of the company

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

2 - Arte, decoração e a circulação de ladrilhos da Villeroy & Boch no Brasil

No que diz respeito as questões estéticas relacionadas aos ladrilhos cerâmicos, Baeck (2019a, p. 55) destaca a enorme variedade de padrões decorativos existentes dentre os ladrilhos produzidos durante o auge dessa indústria, sobretudo entre os anos de 1880 a 1920. De uma forma geral havia uma tendência, para além da grande qualidade técnica do produto, que as composições dos ladrilhos fossem tratadas como superfície planas e que fossem evitados efeitos com perspectivas perturbadoras, ao contrário, esperava-se que o resultado final dos padrões fosse mais suave e com formas geralmente originárias de experimentos com desenhos geométricos. Quanto a instalação, informa também o autor que havia recomendações para que os padrões decorativos escolhidos levassem em consideração a proporção dos cômodos e dialogassem equilibradamente com essas proporções. Bordas decoradas poderiam compor/contornar o entorno de outros ladrilhos e assim auxiliar visualmente os transeuntes dos espaços ladrilhados em relação aos trajetos a serem percorridos nesses ambientes. Essas bordas, as vezes utilizando-se mais de um modelo em uma mesma composição, poderiam também ser exploradas em composições em ambientes maiores e ajudarem na ordenação visual das funções específicas desses espaços. É importante também atentar-se para a vasta gama de referências estilísticas e formais que poderiam ser encontradas nos ladrilhos cerâmicos, sejam elas concebidas com base em origens históricas, ou conectadas com tendências mais contemporâneas. Nesse sentido, destaca-se a existência de padrões inspirados na arte egípcia, mourisca, ou em vertentes historicistas, tais como a neoclássica, neogótica, neorrenascentista, além do ecletismo. Menciona ainda Baeck (2019a) que na virada de século e nas primeiras décadas do século XX poderiam ser encontrados ladrilhos no estilo Art Nouveau, Art Déco e outras variantes mais sóbrias.

No que diz respeito ao tapete de ladrilhos cerâmicos do Museu do Doce observa-se que justamente o efeito decorativo final guarda alguns aspectos acima mencionados quanto à forma que se optou pelo assentamento da composição. No que pese a roseta central composta pelos 64 ladrilhos ocupar uma parte muito significativa do espaço existente no hall, ela gera efeito harmônico com a forma geral desse espaço e integra-se com essas proporções. Tal efeito ocorre a partir da disposição escolhida para os demais ladrilhos do entorno, que não somente realçam a roseta em si, como também foram sendo encaixados de modo a efetuar uma transição da forma

and go on a journey through the most important events in the history of Villeroy & Boch AG. (s/d). Disponível em: <https://www.villeroyboch-tr.com/history>. Acesso em: 23 fev. 2023.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

quadrada da roseta para a forma retangular dos limites do hall. Ainda em relação a essa roseta central destacamos a descrição realizada por Santos (s/d) no contexto na página dedicada ao Casarão nº 8, Sede do Museu do Doce, junto ao portal "A Casa Senhorial":

> [...] O motivo decorativo lembra um escudo. No centro da forma quadrangular, um círculo inscrito num elemento cruciforme – espécie de mandala estrelada – que se assemelha às engrenagens de uma máquina. Ele é emoldurado por cartelas denticuladas, ornadas por volutas, palmetas e acantos estilizados. Na sequência, as cartelas são circundadas por linhas espiraladas e sinuosas, das quais despontam elementos que lembram um cetro – atributo de autoridade e poder real [...] (SANTOS, s/d).

A produção e o consumo de ladrilhos hidráulicos e cerâmicos com padrões decorativos semelhantes aos do hall de entrada do Museu do Doce foi uma forte tendência, como já citado acima no texto, da decoração arquitetônica de fins do século XIX até inícios do século XX, tendo a segunda metade do século XIX o seu auge histórico. Esses ladrilhos não estão isolados, eles surgiram juntamente de toda uma série de elementos produzidos em série a partir de diferentes materiais e técnicas e eram escolhidos por seus potenciais clientes por meio de catálogos ou por outras formas de negociação e compra. Essa forma de concepção, produção e consumo de elementos de decoração para a construção civil não foi casual, ela se materializava dentro das máximas possibilidades do revivalismo estilístico e do ecletismo arquitetônico no contexto da Revolução Industrial. Nessa conjuntura, não somente os custos de produção desse tipo de bens eram cada vez menos caros, como também surgiam rapidamente avanços tecnológicos que aperfeiçoavam técnicas e produtos. Na prática os projetos arquitetônicos e decorativos, como aquele que deu origem ao Casarão nº 8, a sede do Museu do Doce, acomodavam os gostos e expectativas pessoais dos clientes com a disponibilidade pré-delimitada por esta produção e pela rede comercial da época. Já no século XIX profissionais do campo da arquitetura estavam familiarizados com as novas técnicas e tendências. Deve-se ainda mencionar a chegada de importante número de profissionais do exterior em cidades como Pelotas, que colaboraram para a popularização dessas tendências no país. Além disso, várias fábricas do gênero, inclusive para a produção de ladrilhos, começaram a surgir e se desenvolver em países como Bélgica, França, Inglaterra e Portugal, e pouco tempo depois no próprio Brasil (ARAGÃO & SOUZA, 2014; DOMINGUEZ, 2016; GESTER, 2013; LAMAS *et al*., 2018, SANTOS, s/d).

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

Baeck (2023) relata que não se tem até o momento informações sobre a venda direta no Brasil de ladrilhos cerâmicos pela Villeroy & Boch, no que pese essa empresa ter efetuado negócios com países da América do Sul, com destaque para os registros de exportações para a Argentina preservados no documento "Ausführungen von Mosaikplatten 1864-1894" onde a empresa destaca aquelas que seriam suas conquistas em todo o mundo. O pesquisador ainda explica que exportações feitas pela Villeroy & Boch foram provavelmente intermediadas pela Boch Frères, sua 'fábrica-irmã", que atuava como representante da Villeroy & Boch em alguns países[15]. Sibille (2021) relata que entre 1864 e 1894 a maior parte das encomendas da Villeroy & Boch tinha como destino capitais europeias, embora existam registros de nove pedidos tendo como destino a Argentina e um pedido para o Chile. O Brasil não é mencionado nesse estudo que levou em consideração os próprios arquivos da Villeroy & Boch.

Dessa forma, é importante destacarmos que encontramos no "Almanak de Laemmert", em uma edição de 1879, um anúncio de um "Grande estabelecimento de ladrilhos mosaicos e vitrificados", localizado na "Rua da Quitanda 44" e associada ao nome de "A. P. de Almeida". Os produtos da "Villeroy & Boch, de Mettlach" estavam em destaque dentre as marcas anunciadas como disponíveis para aquisição no local[16]. Ou seja, é possível que outros prédios no Brasil do século XIX, além dos já citados nesse texto, possam ter sido decorados com ladrilhos cerâmicos da Villeroy & Boch. Dois anos depois, na seção "indicador de notabilidades" do "Guia do Rio de Janeiro de 1881" que igualmente integrava a edição do ano de 1881 do Almanak de Laemmert, é possível encontrar na página nº 9 um novo anúncio da mesma empresa, praticamente idêntico ao da edição de 1879[17]. Sob o destaque da chamada para os "Preços fixos e muito reduzidos" encontra-se novamente menção explícita para a disponibilidade dos produtos da "Villeroy & Boch, de Mettlach" que poderiam ser adquiridos com a empresa, conforme o que segue:

> Tem a honra de participar ao respeitavel publico, em geral, e em particular aos Srs. proprietarios e constructores, que no seu estabelecimento se encontra sempre grande sortimento de ladrilhos mosaicos e vitrificados, tendo sempre grande variedade, tanto em côres, como em desenhos, os quaes todos são importados das principais fabricas da Europa, como sejam: F. Lanzum & C., de Bourg-Saint-Andeól (Ardéche); Boch Frères & C., (de Mambeuge);

[15] BAECK, Mario. Re.: "Ladrilhos hidráulicos" d'origine belge dans le sud du Brésil. Mensagem recebida por:Roberto Heiden em 31 de jan. De 2023.
[16] A página com o anúncio pode ser acessada no sistema de busca virtual da Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/almanak/al1879/00001824.html>. Acesso em: 16 mar. 2023.
[17] Documento acessado a partir do sistema de buscas virtual da Biblioteca Nacional, referência ao fim do texto.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

> Sand & C., à Feignes, perto de Mambeuge (Nord); Sinzing & C., (am Rheine); Ville Roy & Boch, de Mettlach; etc., etc (GUIA DO RIO DE JANEIRO DE 1881, 1881, p.9).

Aspecto interessante a ser destacado é de que esse é o único empreendimento comercial focado nesse nicho de mercado que pode ser encontrado no índice do referido almanaque na categoria “ladrilhos e mosaicos”. O fato de também os produtos da Boch & Frères terem sido anunciados no mesmo reclame sugere que a revenda dos produtos da Villeroy & Boch pode ter sido organizada de forma associada, com a participação da empresa do/a Sr/a Almeida. Nada impede especularmos que outras lojas semelhantes no Rio de Janeiro ou em mais cidades importantes do país da época pudessem vender os ladrilhos da Villeroy & Boch, ainda que isso demande novas pesquisas comprobatórias. Cabe ainda destacar-se o fato de que os anos dos anúncios citados - 1879 e 1881 - são muito próximos daqueles em que foi iniciada e finalizada a construção da sede do Museu do Doce, na época pensada como casa para a família de Francisco Antunes Maciel. No frontão da fachada lateral da construção o ano de 1878 é informado como a data de construção da residência[18].

Dentre as várias informações biográficas importantes sobre a figura histórica de Francisco Antunes Maciel destaca-se a sua atuação como Deputado Geral em 1880, tendo sido reeleito por três mandatos posteriores. Além disso, em 1883 Maciel ocupou um dos cargos mais altos do Império, tendo sido alçado ao posto de Ministro do Império (PAULA, 2019, p.140-157). Anteriormente Francisco Antunes Maciel já costumava frequentar o sudeste do país, sobretudo durante seus anos de estudo em Direito em São Paulo. Embora não tenha sido possível recuperar documentos comprobatórios, é bastante plausível imaginarmos que o então conselheiro, ou alguém que o estivesse representando, possa ter adquirido na loja do Rio de Janeiro acima citada, para a casa que se encontrava em construção em Pelotas, o conjunto de ladrilhos em estudo. A favor dessa hipótese cabe mencionar-se que, embora industrializados, esses ladrilhos cerâmicos não eram considerados produtos econômicos. Ainda que outros estabelecimentos os vendessem, seguramente o universo de clientes e lojas não era muito amplo. Além disso, ainda que os ladrilhos não necessariamente tenham sido comprados nesse empreendimento comercial, é interessante evidenciar a disponibilidade dos produtos da Villeroy & Boch no Rio de Janeiro de fins da década de 1880, ou seja, o produto a essa altura já era um sucesso

[18] Ver informações sobre a história do Casarão nº 8, atual sede do Museu do Doce e na época construído para a habitação de Francisco Antunes Maciel e família na página “Casa do Conselheiro Maciel”. Disponível em: https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casas-senhoriais/pesquisa-lista/532-casa-conselheiro-maciel-2. Acesso em: 12 mar. 2023.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

comercial mundial e estava disponível para compra na então capital do Brasil. Deve-se também relatar que a menção a esses produtos não foi mais encontrada nos anúncios dos almanaques posteriores, quando somente os produtos da Boch & Frères continuaram a ganhar destaque nos reclames[19].

A partir do que foi acima relatado, um aspecto a ser compreendido de forma mais precisa, se mais fontes de pesquisa futuramente se mostrarem disponíveis, é sobre como os ladrilhos cerâmicos da Villeroy & Boch chegavam no Brasil e como se encontravam disponíveis no empreendimento carioca do/a senhor/a Almeida e possivelmente de outros: se eles de fato vieram por intermédio da fábrica irmã, a Boch & Frères, ou se de alguma maneira, apesar de pouco provável, eles possam ter sido negociados diretamente com a própria fábrica da Villeroy & Boch.

Para alimentar essa segunda possibilidade, cabe-se destacar um achado interessante. Na "WorthPoint", página virtual para venda de antiguidades, encontramos publicadas imagens de um exemplar já vendido de um antigo catálogo com cartelas das representações de padrões decorativos de ladrilhos cerâmicos da Villeroy & Boch[20]. Esse catálogo de 1884, embora não estivesse apresentado na íntegra, tinha em uma de suas páginas lá reproduzidas diversas informações, dentre as quais que os produtos ali listados estavam com preços informados como válidos até maio de 1885 e que o nome da empresa seria visível no avesso dos ladrilhos. Além disso, uma série de premiações internacionais lá estão listadas: Paris 1867 (medalha de prata), Viena 1873 (diploma honorário), Colônia 1875 (medalha de ouro), Filadélfia 1876 (destaque), Arnhem 1879 (medalha de ouro), Manheim 1880 (medalha de ouro), Magdeburgo 1880 (medalha de prata), Düsseldorf 1880 (medalha de ouro), Porto Alegre 1881 (medalha de ouro), Amsterdã 1883 (grande diploma de honra) e Madri 1883 (medalha de prata). Destaque para a medalha recebida pela Villeroy & Boch em Porto Alegre, capital da então província do Rio Grande do Sul, em um ano igualmente próximo da época de construção da sede do Museu do Doce.

Embora as imagens do catálogo acima mencionado não tragam detalhes sobre a premiação, no ano de 1881 ocorreu no Rio Grande do Sul a "Exposição Brasileira-Allemã" de Porto Alegre. É muito provável que a premiação tenha ocorrido neste evento, a começar pela coincidência do ano e, sobretudo, pela temática alemã que foi

[19] As várias edições do "Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Provincia do Rio de Janeiro" dos editores Eduardo & Henrique Laemmert" podem ser consultadas a partir do sistema virtual de buscas da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/almanak/almanak.htm>. Acesso em: 17mar. 2023.
[20] WORTHPOINT. Antique 1885 Villeroy Boch Mettlach Mosaik-Fabrik Tile Pattern Card Catalog Book. Disponível em: https://www.worthpoint.com/worthopedia/antique-1885-villeroy-boch-mettlach-1797557146. Acesso em: 01 fev. 2023.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

o foco comercial das atividades da referida feira. Buscamos indícios sobre a participação da Villeroy & Boch no evento. A Biblioteca Pública de Porto Alegre preserva o "Catálogo da Exposição Brasileira-Allemã em Porto Alegre". A segunda parte do catálogo lista os expositores alemães que participaram do evento. Em número 51 aparece a Villeroy & Boch que conta com o seguinte texto de apresentação:

> Villeroy & Boch, Mettlach, Wallerfangen, Septfontains, Dresden, Wadgassen. Representantes, Herm. Petersen & Comp. Com 5 importantes fabricas de louça, porcellanas, vidros, crystaes, occupando por junto mais de 5000 operarios. Esse importante núcleo de fabricas, que é o primeiro no ramo mencionado, na Allemanha e na França, tem vencido em muitas partes do mundo a concurrencia ingleza em louças baratas (CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO BRASILEIRA-ALLEMÃ, 1881, s,p.).

O referido catálogo é um fascinante panorama de segmentos da indústria e comércio do estado do Rio Grande do Sul na época, no que pese as informações listadas serem organizadas de forma irregular. Se algumas representações são mencionadas no catálogo com o detalhamento do que foi apresentado nos seus respectivos setores comerciais, no caso da Fábrica da Villeroy & Boch, como visto acima, o texto é genérico e não faz menção aos ladrilhos. A busca em periódicos dos anos de 1881 e 1882, com destaque para a "Gazeta de Porto Alegre – Folha da Tarde", de responsabilidade editorial de Carlos Von Koseritz que foi também o principal responsável pela organização da Exposição Brazileira-Allemã, não apresentou mais detalhes a respeito da participação da Villeroy & Boch na feira de Porto Alegre. A busca por menções a produtos da Villeroy & Boch em periódicos das décadas de 1870 e 1880 no Rio Grande do Sul também não obteve maiores descobertas, salvo em diários de algumas décadas posteriores. Nesse sentido, cabe menção as páginas de algumas edições de "A Federação: Orgam do Partido Republicano" onde encontram-se alguns anúncios que se repetiram ao longo de semanas, a exemplo do que segue:

> Aos srs. proprietarios e constructores de casas recommendo o variado sortimento de Azulejos de Villeroy & Boch a mais afamada fabrica da Europa – Preços da fabrica – Deposito e mostruario em casa do Único representante – L. Rosenfeldt. Rua Vol. da Patria nº 146 A (A FEDERACAO: ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO, 1910, p. 04)[21].

[21] FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). BNDIGITAL I: A FEDERACAO: ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO, 1910, Edição 00111. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&pesq=Exposi%C3%A7%C3%A3o%20B

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

Apesar da distância temporal entre o anúncio acima citado e a data de construção do edifício sede do Museu do Doce, o anúncio, pelas informações que traz consigo, revela-se interessante pelas pistas que apresenta sobre esse universo da aquisição de itens decorativos de luxo para a construção civil na época.

Para o desenvolvimento desse texto realizou-se uma busca exaustiva para encontrar outros locais que preservassem os mesmos modelos dos ladrilhos da Villeroy & Boch que integram o conjunto do Museu do Doce, além dos pontos detectados no Rio de Janeiro e em Pindamonhangada. A dispersão e fragmentação das informações, além de suas localizações remotas, dificulta essa identificação. Apesar disso, através de buscas em sistemas de pesquisa por imagem em todo o tipo de publicação que falasse sobre ladrilhos históricos, com menção direta ou não ao produtor, detectamos algumas informações interessantes e que, embora ainda não diretamente relacionadas entre si, sugerem uma teia de referências históricas e por consequência também a importância do tema. Dentre elas destacamos que o modelo de ladrilho número 246 que compõe o conjunto de ladrilhos do Museu do Doce também se encontra no acervo do British Museum em um total lá preservado de 16 peças. O museu informa que o seu conjunto de peças foi produzido por volta de 1880 e as descreve como "[...] dust-pressed white earthenware body tiles inlaid with red, blue, green and buff. The design forming two vertical panels of stylised foliate and geometric patterns"[22]. Cabe-se destacar que os modelos da Villeroy & Boch poderiam permanecer por anos em linha de produção. Logo, a datação de um determinado conjunto de ladrilhos oriundos dessa empresa a partir de uma consulta em algum dos antigos catálogos da marca não será automática, e os ladrilhos do Museu do Doce, embora sejam do mesmo modelo do conjunto preservado no British Museum, são provavelmente mais antigos.

Um aspecto curioso percebido durante as buscas efetuadas em pesquisa de campo foi se deparar com um enorme conjunto de iniciativas, sobretudo na rede social Instagram, que mapeiam aleatoriamente imagens de ladrilhos, predominantemente hidráulicos, pelas cidades de várias partes do Brasil e do Exterior, com postagens geralmente centradas unicamente nas imagens desses ladrilhos e eventualmente acompanhadas de alguma informação histórica. Alguns desses perfis possuem

rasileira-Allem%C3%A3%20&pasta=ano%20188&hf=memoria.bn.br&pagfis=22758>. Acesso em: 24 mai. 2023.

[22] A página no Museu Britânico disponibiliza imagens dos ladrilhos e informações técnicas e históricas sobre as peças e suas informações museológicas, relatando ainda procedimentos utilizados para a conservação desse conjunto. British Museum. Tile. Object Tye: tile. Museum Number: 1993, 1108.8-23. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_1993-1108-8-23>. Acesso em: 12 fev. 2023.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

centenas de imagens publicadas. Podemos citar riga_tile, berlinfloors, krakowfloors, textureoffloors, porteniosfloors, baldosasmvd, budapestianfloors, baldosasdesantiago, myflorish, parisianfloors, mettlach_peterburg_tile, 1001_tiles_of_lisbon, dentre vários outros. Após consultar algumas dezenas dessas páginas, que na prática se constituem como inventários espontâneos e não sistemáticos de ladrilhos históricos, encontramos em o "chaoqueeupiso" o modelo de ladrilho nº 196 da Villeroy & Boch adornando algumas partes do piso da Catedral Metropolitana de Montevidéu, ou seja, o mesmo modelo que também compõe o friso externo do conjunto de ladrilhos do Museu do Doce[23]. O Uruguai não foi mencionado como destino dos produtos da Villeroy & Boch nas fontes consultadas até então, mas os seus ladrilhos lá estão na sua principal catedral.

Seguramente devem existir no Brasil e no exterior outros pontos ainda não identificados com ladrilhos da Villeroy & Boch semelhantes aos analisados neste estudo, apesar da sua difícil localização. Um mapeamento de peças preservadas principalmente em países europeus pode ser encontrado no website "Die Geschichte der Fliese" mantido por Wilhelm Joliet (s/d), que apresenta um conjunto expressivo de locais e de reproduções de documentos comprobatórios[24]. Esse foi o único endereço eletrônico em que foi possível até o momento localizar uma reprodução de catálogo da imagem da roseta central de ladrilhos do Museu do Doce, embora sem nenhuma informação específica sobre o modelo. Também cabe destacar que a moldura da roseta central que foi reproduzida nesse catálogo é idêntica ao conjunto de ladrilhos da Casa França-Brasil, provavelmente a única dentre as encontradas até então no Brasil que reproduz essa composição de acordo com o referido catálogo.

Aspectos conclusivos

Durante a elaboração deste texto, conduzimos uma busca exaustiva com o propósito de investigar a origem e a história dos ladrilhos que adornam o hall de entrada do edifício-sede do Museu do Doce, originalmente concebido como um opulento palacete urbano. Ao longo das páginas anteriores, oferecemos um panorama promissor para o surgimento de novas descobertas nesse campo. No entanto, é imprescindível ressaltar que muitos ladrilhos, documentos e depoimentos relacionados

[23] A partir de diversas marcações feitas em mapas virtuais alimentados por publicações geradas em redes sociais será possível visualizar imagens com os ladrilhos do modelo nº 196 da Catedral Metropolitana de Montevidéu. A publicação acima citada poderá ser acessada com o link disponível em: https://www.instagram.com/p/BXWrLovASQ9/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D. Acesso em: 07 fev. 2023.
[24] A página pode ser acessada no link disponibilizado na sequência, com acesso direto para imagens de páginas de um catálogo da Villeroy & Boch de 1880. Disponível em: <https://www.geschichte-der-fliese.de/vbm1880.html>. Acesso em: 28 mai. 2023.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

a essa forma de arte decorativa foram irremediavelmente perdidos devido à demolição de construções antigas ou à negligência na preservação dessas evidências. Com essas perdas, também desapareceram possíveis vínculos históricos referentes aos ladrilhos remanescentes, vínculos que nos permitiriam uma compreensão mais aprofundada não apenas dos ladrilhos cerâmicos em si, mas também das técnicas e dos processos de construção e decoração arquitetônica empregados no final do século XIX e início do século XX, tanto no Brasil como no exterior, bem como das suas formas de consumo e circulação.

A recuperação parcial da história dos ladrilhos cerâmicos do Museu do Doce representa um resultado importante, uma vez que, até então, além de sua estética admirável, eles eram equivocadamente classificados como hidráulicos, e sua origem era desconhecida. Esse fato ressalta a importância de se realizar estudos que proporcionem uma compreensão mais aprofundada dos diversos elementos e tipologias que compõem o ambiente arquitetônico de monumentos representativos do século XIX. Essas investigações devem abranger não apenas as especificidades técnicas, mas também trazer à luz informações históricas relevantes que ainda aguardam ser devidamente compreendidas.

Por fim, não podemos deixar de especular que Pelotas possa abrigar mais pisos classificados genérica ou erroneamente como hidráulicos, cuja origem também é desconhecida. Além disso, é provável que situações análogas ocorram em diversas outras cidades brasileiras, especialmente no Rio de Janeiro e nas localidades do Sudeste, que, devido a fatores geográficos e econômicos, possuíam maior facilidade de acesso ao consumo em estabelecimentos como a loja pertencente ao Sr. ou Sra. A. P. de Almeida. Portanto, esse tema se revela importante para pesquisa histórica, com potencial para novas descobertas.

Referências

ARAGÃO, S. de, & Souza, T. Do palacete ao cortiço: o emprego do ladrilho nas construções paulistanas da passagem do século XIX para o século XX. *Antíteses*, v.7, n.14, p.348-372, 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel//index.php/antiteses/article/view/20065/0>. Acesso em: 03 fev. 2023.

BAECK, Mario. *Des Sols Tapissés Pour l'Éternité*: Le Carreau De Sol Belge En Grès Cérame Incrusté. Polycaro. Le magazine B2B pour la pierre naturelle, la céramique & le composite quartz au Benelux, 2019a. Disponível em: <https://www.academia.edu/43390633/Des_sols_tapiss%C3%A9s_pour_l_%C3%A9ternit%C3%A9_le_carreau_de_sol_belge_en_gr%C3%A8s_c%C3%A9rame_incrust%C3%A9>. Acesso de 02 de fevereiro de 2023.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

BAECK, Mario. Le Carreau De Ciment Belge: Un Matériau Redécouvert. Polycaro. *Le magazine B2B pour la pierre naturelle, la céramique & le composite quartz au Benelux*, v.64, p.51–55, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/43390621/Le_carreau_de_ciment_belge_un_mat%C3%A9riau_red%C3%A9couvert>. Acesso em: 03 fev. 2023.

BAECK, Mario. The myth of an invention**:** the early developments of dust-pressed tile manufacturing on the European continente. *Journal of the tiles & Architectural Ceramics Society,* p.1-16, 2019b. Disponível em: https://www.academia.edu/43667462/The_myth_of_an_invention_the_early_developments_of_dust_pressed_tile_manufacturing_on_the_European_continent?email_work_card=title. Acesso em: 02 fev. 2023.

BAECK, Mario. Tiled Interiors on Paper: Trade Catalogues as a Key Source to Understand the Use of Floor and Wall Tiles in European Interiors: Acta Academiae Artium Vilnensis. *Acta Academiae Artium Vilnensis*, v.104, 2021. Disponível em: <https://aaav.vda.lt/journal/article/view/93/aaav104>. Acesso em: 12 fev. 2023.

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO BRASILEIRA-ALLEMÃ. Porto Alegre: Typographia da Deutsche Zeitung, 1881. (Biblioteca do Estado do Rio Grande do Sul).

DOMINGUEZ, Andréa Jorge do Amaral. *Ladrilhos hidráulicos*: bens integrados aos prédios tombados de Pelotas-RS. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5430>. Acesso em: 10 fev. 2023.

DURBIN, Lesley. *Architectural Tiles:* Conservation and Restoration. Butterworth-Heinemann. Oxford. 2005. Disponível em: <https://www.academia.edu/34465762/Architectural_Tiles_Conservation_and_Restoration>. Acesso em: 04 fev. 2023.

GESTER, Carolina de Souza Leão Macieira. *Ladrilhos hidráulicos em Belém*: subsídios para a sua conservação e restauração. Dissertação. (Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2013.

Guia do Rio de Janeiro ou Indicador Alphabetico da morada dos seus principaes habitantes. Rio de Janeiro. H. Lambert & C. 1881. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/823660/per823660_1881_00001.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2023. (Acervo digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro).

JACOB-HANSON, Charlotte. A Brief History of Villeroy & Boch and England's Influence on its Success in the Years 1766-1900, *Northern Ceramic Society Newsletter*, n. 198, p.40-47, (August), 2000. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/343656628_A_Brief_History_of_Villeroy_Boch_and_England's_Influence_on_its_Success_in_the_Years_1766-1900_Northern_Ceramic_Society_Newsletter_No_198_August_2000_pp_40-47>. Acesso em: 05 fev. 2023.

JOLIET, Wilhelm. *Mettlacher Platten in Schloss Nöthnitz*. Die Geschichte der Fliese. s/d. Disponível em: <https://www.geschichte-der-fliese.de/mpisn.html>. Acesso em: 10 fev. 2023.

LAMAS, Marcia lopes; LONGO, Orlando Celso; SOUZA, Vicente Custódio de. A produção de ladrilho e o ofício de ladrilhar**:** método de produção de ladrilhos do século XVIII aos nossos dias. *Anais do. Museu Paulista*, São Paulo, v. 26, p.1-29, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/148057/141632>. Acesso em: 01 mar.2022.

DOI: https://doi.org/10.52192/1984-3917.2023v16n1p210-231

PAULA, Débora Clasen de. *Família, guerra, política, negócios e fronteira*: os Antunes Maciel desde o Século XVIII aos inícios do século XX. Tese. (Programa de Pós-Graduação em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 222, 2019. Disponível em:<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/197127>. Acesso em: 17 mar. 2023.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. *Casa Conselheiro Maciel*. A Casa Senhorial: Portugal, Brasil & Goa. Anatomia dos interiores. Disponível em: <https://acasasenhorial.org/acs/index.php/pt/casas-senhoriais/pesquisa-lista/532-casa-conselheiro-maciel-2>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. *O ecletismo historicista em Pelotas*: 1870-1931. S/d. Disponível em: <https://ecletismoempelotas.files.wordpress.com/2011/05/o-ecletismo-historicista-em-pelotas-1870-1931.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SIBILLE, Christiane. *Eine materialisierte Geschichte «von unten***.** Hypotheses. Materialized Histories. 2021. Disponível em: <https://mhistories.hypotheses.org/972#respond>. Acesso em 23 fev. 2023.

VILLEROY & BOCH – 1748. *The Company's History*: Learn more about the beginnings of the company and go on a journey through the most important events in the history of Villeroy & Boch AG. (s/d). Disponível em: <https://www.villeroyboch-tr.com/history>. Acesso em: 23 fev. 2023.

Data de recebimento: 18.06.2023

Data de aceite: 27.06.2023